



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ROBERTO MARCELINO FERREIRA

**QUATRO CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO HOJE:
MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE, ESTRUTURALISMO, PÓS-ESTRUTURALISMO.**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

ROBERTO MARCELINO FERREIRA

QUATRO CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO HOJE:
MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE, ESTRUTURALISMO, PÓS-ESTRUTURALISMO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação **Licenciatura plena em
História** da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Orientador: Prof. MsC. Jefferson Nunes Ferreira.

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383q Ferreira, Roberto Marcelino.

Quatro conceitos fundamentais para o conhecimento histórico hoje [manuscrito] : modernidade, pós-modernidade, estruturalismo, pós-estruturalismo / Roberto Marcelino Ferreira. - 2014.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Jeferson Antunes Ferreira, Departamento de História".

1. Modernidade. 2. Pós-Modernidade. 3. Estruturalismo. 4. Pós-Estruturalismo. I. Título.

21. ed. CDD 909.08

ROBERTO MARCELINO FERREIRA

QUATRO CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO HOJE:
MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE, ESTRUTURALISMO, PÓS-ESTRUTURALISMO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação Licenciatura plena em História
da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau de
Licenciado em História.

Artigo Aprovado em 25 de julho de 2019

BANCA EXAMINADORA

 Nota 10,0

Prof. MSc. Jefferson Nunes Ferreira / UEPB

(Orientador)

 Nota 10,0

Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira / UEPB

(1º Examinador)

 Nota 10,0

Prof. Esp. Anselmo Rosário Cavalcanti / UEPB

(2º Examinador)

Dedico este trabalho especialmente a minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as conquistas que tenho recebido em minha vida.

Agradeço a minha família. Em especial a minha mãe Joaquina Miranda da Conceição, meu pai José Marcelino Ferreira e meu irmão Francisco pelo apoio incondicional nos estudos.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, com os quais compartilhei momentos inesquecíveis. Em especial a Márcia Novaes Flávio Lima e, é claro, Wellington Rodrigues, cuja amizade rendeu-me muito mais que apenas força, mas também oportunidade de dialogar com uma mente muito brilhante.

A bela Naomi, por toda sua inspiração nos momentos cruciais.

E agradeço especialmente, é claro, aquele que, com suas colocações, me orientou e tornou este momento possível, professor MsC Jefferson Antunes Ferreira.

QUATRO CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO HOJE: MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE, ESTRUTURALISMO, PÓSESTRUTURALISMO.

RESUMO

O presente artigo trata de expor a genealogia de três conceitos fundamentais para as Ciências Humanas e para a História em particular. Este trabalho se baseou em autores discutidos no componente de teoria da História III, são eles: Modernidade, Pós-modernidade, Estruturalismo, Pós-estruturalismo. Esses conceitos são importantes não só para a teoria, mas para os períodos Históricos pós século XV.

Palavras chave: Modernidade, Pós-Modernidade, Estruturalismo e Pós-Estruturalismo.

ABSTRACT

The present article aims to present the genealogy of the three main concepts to the Human Sciences and particularly to the world History. It was based on authors discussed in the subject of theory of History III, such as: Modernity, Post-Modernity, Structuralism and Post-Structuralism. These concepts are important not only to the theory but to the historical periods after the XV century.

Key words: Modernity, Post-Modernity, Structuralism and Post-Structuralism.

Introdução

Este texto pretendeu inicialmente ressaltar a importância da Teoria para a História, sem a qual a História não se transforma em conhecimento, mas apenas em coletânea de fatos e datas, reminiscência e teleologia.

Alguns conceitos presentes nos discursos das Ciências humanas têm provocado muita discussão nos últimas décadas, entre eles Modernismo, Pós-Modernismo, Estruturalismo e Pós-Estruturalismo.

O presente artigo que apresento inicialmente como TCC (Trabalho de Conclusão de curso de) licenciatura plena em História pretende expor, (com base em alguns outros estudos no componente de Teoria da História) a genealogia desses conceitos que aparecem separados apenas para efeitos expositivos e didáticos, mas que estão imbricados em discussões das Ciências Humanas e Filosófica no último século (XX).

O discurso da História também trabalha com esses conceitos. Utiliza-os para designar épocas históricas (Moderna, Pós-moderna) ou escolas filosóficas (Estruturalismo, Pós-estruturalismo). Interessa a nossa área de conhecimento, portanto, essa discussão.

Sendo assim cabe aqui elencar que o objetivo principal do presente artigo é elaborar um levantamento dos discursos que norteiam o conceito de modernidade, pós-modernidade, estruturalismo e pós-estruturalismo e suas relações com a história.

Primeiramente objetiva-se desenvolver uma síntese, a partir da contextualização do século XX, das principais características e questões levantadas pelos conceitos de modernidade e pós-modernidade. E posteriormente discutiremos os conceitos de estruturalismo e pós-estruturalismo.

Para dar conta de tais objetivos é imprescindível a utilização de um referencial teórico que trate das questões propostas aqui nesta temática, no sentido de contribuir para uma discussão conceitual, além da elaboração de uma linguagem que nos possibilite compreender os impactos teóricos destes conceitos no âmbito do saber histórico.

I. A modernidade

No âmbito da Filosofia e Ciências Sociais (incluída a história) os conceitos de modernidade, pós-modernidade, estruturalismo e pós-estruturalismo são orientados por modelos analíticos e conceituais variados. Para começar, de um lado entende-se a modernidade como um conjunto de ideais relacionados ao projeto realizado a partir da passagem teórica produzida por Descartes, culminando com a ruptura da tradição do pensamento medieval influenciado pela escolástica. Isso possibilitou a instauração do cogito (o sujeito do conhecimento, da razão), ideia que repercutiu em grande medida sobre a filosofia, a cultura e as sociedades ocidentais. Do ponto de vista econômico, a modernidade também é vista como um projeto que vem do capitalismo. No plano cultural como movimento artístico, estético e uma escola de pensamento (modernismo). Para Michael Peters,

O termo “modernismo” tem duas acepções. A primeira, o termo refere-se aos movimentos artísticos a partir do final do século XIX. A segunda acepção é histórica e filosófica, fazendo referência ao termo “moderno” e significando “modernidade”-a época que se segue a época medieval. (PETERS, 2000:12)

Vejamos como, historicamente, vai se tecendo esse mundo moderno, caracterizado pelo primado da Razão (cogito), do humanismo, do capitalismo, e da originalidade do artista.

A modernidade significou para os europeus nos séculos XIII e XVI, uma renovação cultural. Dentro desta perspectiva ela possibilitou o surgimento de uma nova consciência do significado histórico que possui como meta romper com a idéia metafísica calcada em uma história universal e sagrada. Sagrada no sentido de salvação direcionada para fora do mundo. A partir deste rompimento passou-se a ter uma valorização maior do mundo e com ele apareceu um novo protagonista na história: o homem. “Stuart Hall nos diz que: *“O nascimento do individuo soberano”, representou uma ruptura importante com o passado. Alguns argumentam que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da “modernidade” em movimento*”. (HALL, 2006:25).

Fica evidente que o surgimento deste sujeito na modernidade representou o início de discursos que o colocam como uma figura consciente de sua própria existência e identidade assim como seguro de seu lugar na ordem das coisas.

Nesta perspectiva, compreendemos que o Ocidente foi palco de um processo de racionalização que favoreceu para a descrença das concepções religiosas do mundo, ou seja, aconteceu uma laicização da cultura.

“Para Weber a modernidade é o produto do processo de racionalização que ocorreu no Ocidente, desde o final do século XVIII, e que implicou a modernização da cultura”. (ROUANET, 1987:234).

Sendo assim, o indivíduo da modernidade procurou um distanciamento do universalismo dos valores religiosos como também uma recusa do mundo religioso, por significar um obstáculo à sua iniciativa histórica. Para Stuart Hall, *“As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; Não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais”* (HALL, 2000:25).

Com esse afastamento dos valores religiosos, há uma afirmação do indivíduo como independente e livre. Consequentemente, esse processo de mundanização, enquanto confirmação da autonomia secular tornou-se um meio concludente de buscar o distanciamento do sujeito de toda forma de sujeição considerada opressora, seja ela social cultural ou religiosa. Nesta perspectiva, o sentido de autonomia está relacionado a uma disseminada mentalidade de consumidor. Contudo, esta visão consumista não se prende à produção econômica, mas sim a sua relação com o mundo que o rodeia. Desta forma, o indivíduo moderno percebe-se “livre” no sentido de construir sua própria identidade individual. Reis nos diz que: *“O novo homem ocidental é um homem estranho a si mesmo, agindo de forma contraditória, dividido entre valores e lógicas distintos, inconciliáveis”*.

Compreendemos que por volta do século XVIII na Europa aconteceu o projeto de retorno ao pensamento de história universal. Contudo, esta proposta de uma história universal não mais se fundamentava na religião e sim na razão significando um elemento unificador da raça humana rumo a uma sociedade ideal.

A Europa Ocidental voltou a pensar a história de uma humanidade universal, novamente única e singular. Houve um esforço de reunificação da humanidade sob o princípio da razão. A “razão que governa o mundo” seria o esforço moderno, profano, de talvez “reencontrar o mundo”: este retorno sentido, direção, unidade, sob um princípio interno de valor universal- a busca da autoconsciência, isto é da liberdade. A história torna-se novamente meio de salvação. Ela é a marcha do espírito da verdade. (REIS, 2005:29)

Um dos conceitos que ganhou grande notoriedade entre as filosofias da história no século XVIII foi o de progresso. A história, neste momento, concebida como filosofia da história distanciou-se de ideais passados e associou-se a novos, a exemplo do iluminismo, fé no progresso da humanidade.

A humanidade se quis uma liberação de toda referência ao passado. Ela se opôs a idéia da história como “mestra da vida”. Nela, o passado não esclarece o futuro, pois não lhe dá lição. A história, como um sujeito universal, um singular coletivo, autônomo e poderoso, realiza o trabalho de auto produção. Os tempos passados foram pulverizados. O presente não tem o direito de durar. O passado e o futuro não se recobrem jamais, são assimétricos. No presente, a história é inovação constante. Ela é um processo coerente, unificador e acelerado da humanidade em direção ao futuro utópico. Os filósofos da história definem esse processo com termos novos: progresso, revolução, emancipação, crise, crítica, utopia. (REIS, 2005:31).

Ao discutirmos as abordagens da história no período da modernidade compreendemos que ela apresenta-se na sua forma filosófica entre os séculos XVIII e meados do século XIX, estava orientada para o futuro, e o ideal de história se fundamentava nos conceitos de Sujeito, Razão, do conhecimento espírito, verdade universal e Consciência. Curiosamente, no século XIX a história buscou desvincular-se da filosofia da história em uma tentativa de se tornar ciência, ou seja, é exatamente neste período que a ciência da História adquire os enunciados científicos para fundamentar seus pressupostos.

No século XIX, paradoxalmente, a história-conhecimento pretendeu emancipar-se da influencia da filosofia da história e torna-se “científica”. Chega-se à conclusão de que a metafísica era impossível era impossível, que era um pseudo-conhecimento, pois seus enunciados eram inverificáveis e incontroláveis. Acreditava-se que só seria possível conhecer os fatos apreendidos pela sensação. Um pensamento radicalista historicista considerava que as filosofias racionalistas e metafísicas não revelam nada da história. A “história científica”, que surgia, parecia não pretender mais discutir o sentido histórico, nem a história universal, mas produzir um conhecimento positivo, observando os fatos e constatando as suas relações. A influencia metafísica filosofia sobre o conhecimento histórico foi substituído por uma atitude realista. Acreditava-se que o conhecimento histórico tinha finalmente se estruturado em bases positivas ao encontrar um método seguro, objetivo, confiável, empírico. (REIS, 2005:36)

Foi nesta atmosfera de mudanças, que a História se firmava como científica, verdadeira e racional, buscando com isso distanciar-se de um conhecimento poético, narrativo e metafísico.

Por outro lado consideramos que o conhecimento da História ainda encontrava-se dependente a uma estrutura progressista, racional e universal. O que diferenciou foi o modo de reconhecimento de sua verdade, na qual o pensamento filosófico perdeu terreno para uma lógica científica.

II. A pós-modernidade

A pós-modernidade é compreendida como a terceira fase do capitalismo (capitalismo da informação). Comandado pelos meios de comunicação de massas (mídia). Um processo de ruptura com a modernidade e seus valores (Razão, Progresso, Desenvolvimento, Revolução, Liberdade e Homem). Refere-se, portanto, à condição sócio-cultural e estética que dominou o capitalismo contemporâneo e a consequente crise nas ideologias que dominaram o século XX ou,

Simplificando ao extremo, considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos. É, sem dúvida um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação correspondem, sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A função narrativa perde seus atores (functeurs), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas sui generis. Cada um de nós vive em muitas destas encruzilhadas. Não formamos combinações de linguagem necessariamente estáveis, e as propriedades destas por nós formados não são necessariamente comunicáveis. (LYOTARD, 1998:16)

O século XX presenciou uma sequência de mudanças na história do pensamento e da técnica. Ao lado do desenvolvimento progressivo da Ciência e das tecnologias da informação, houve mudanças paradigmáticas na maneira de se pensar a sociedade e suas instituições. Quanto a essas mudanças,

O Estado começará a aparecer como um fator de opacidade e de "ruído" para uma ideologia da "transparência" comunicacional, que se relaciona estritamente com a comercialização dos saberes. É sob este ângulo que se arrisca a apresentar-se com uma nova acuidade o problema das relações entre as instâncias econômicas e as instâncias estatais. (LYOTARD, 1998:6)

De maneira geral, as críticas direcionadas para as raízes de alguns conceitos sobre o indivíduo e seis aspectos, surgidos no século XV e formalizados no século XVIII. Surgida nesse período, a modernidade é criticada em seus principais pilares, como os modernos haviam feito com Deus. Os valores modernos: Razão, verdade, Ciência, consciência, Revolução, Estado, Sujeito, linearidade histórica em direção ao progresso e a crença numa verdade atingível por meio da Razão, foram submetidos a uma crítica feroz. Pensadores como Nietzsche já haviam buscado desconstruir os postulados da razão moderna ainda no século

XIX, ele verdadeiramente concentrou sua crítica na moral e nos valores criados pelo pensamento judaico cristão e pela metafísica socrática.

Para Nietzsche a própria criação de valores supremos significou, niilismo, decadência, pois trocou-se a vida carnal, instintiva, concreta, por modelos ideais inatingíveis (o bom, o belo, o justo). Mas vendo-se abandonado no universo, o homem ocidental projetou valores supremos que lhe acalmassem a angústia, lhe justificassem a existência. Fim (para garantir um sentido, um happy-end); unidade (para assegurar que o universo é um todo conheável pela ciência); e verdade (para guiar-se pelo ser, pela real natureza das coisas). (SANTOS, 1991:75)

Fica claro que na concepção de Nietzsche a razão da modernidade voltou-se contra seus próprios ideais de uma razão emancipadora, que almejava libertar o homem do fanatismo, determinismo e dos mitos, passando a ser uma razão instrumental a trabalho do simples cálculo e planejamento de tudo José Carlos Reis nos diz:

Para os marxistas, segundo Jameson, depois da II Guerra mundial, de fato, uma nova sociedade emergiu, caracterizada pelo consumo, pela aceleração da mudança, modos e estilos efêmeros, publicidade agressiva, TV e mídia, pela substituição da tensão cidade-campo, centro-provincia, pela tensão subúrbios-padronização universal. Isso marca o fim do mundo pré-guerra. O pós-modernismo liga-se à emergência desse novo momento do capitalismo tardio, multinacional ou de consumo. (REIS, 2005:47).

Pensando em termos econômicos, na Modernidade, é importante ressaltar que se, os fatores decisivos foram infra-estruturais. A Pós-modernidade inicia-se com as transições ocorridas entre as relações de produção industrial para as pós-industriais, ou seja, fundamentadas essencialmente nas transferências de bens simbólicos ou mesmos abstratos, tais como, movimentações eletrônicas e informação.

No entanto, se a superestrutura é o fator decisivo, a pós-modernidade tem sua gênese no processo de oposição das convicções metafísicas do pensamento moderno, na segunda metade do século XX. Período em que se presenciou uma avalanche de revisões no pensamento ocidental.

Gradativamente, aumentou a idéia de que nem o capitalismo seria tão malévolo e nem o socialismo seria o caminho para a liberdade. Sendo assim, a pós-modernidade adequa-se a essa configuração da cultura. Dessa forma, as oposições relativistas emergiram precisamente na Europa Ocidental e na América do Norte, locais nos quais a economia direcionava-se em

direção à fase de produção pós-industrial. Foram nesses países que se comprovam os fenômenos sócio-culturais que possibilitaram esses novos valores.

Mesmo com todo o seu “desenvolvimento” científico, o século XX tem claramente a “consciência” da derrota das aspirações iluministas, revelando a utilização “nociva” da ciência que, a título de proteção da humanidade, na verdade colocou em perigo essa mesma humanidade.

A consciência pós-moderna é crepuscular, epigônica. Ela quer exorcizar uma modernidade doente, e não construir um mundo novo, embalado em seu berço pelo bip de uma utopia eletrônica. Ela tem razão quando crítica as deformações da modernidade com a administração crescente da vida, a aplicação cega da ciência para fins destrutivos e um progresso econômico transformado em seu próprio objeto. (ROUANET, 1987:25).

A realidade contemporânea refletiu incertezas e indefinições, possivelmente, efeito da não linearidade profetizada antes. Junto dessa incredulidade nos discursos que reconheciam uma “história universal”, se destacava a decadência de classes ligadas à arquétipos modernos de sociedade, reproduzidas em discursos essencialistas, tais como, família, mulher, homem, entre outros. Arquétipos que surgiram com o objetivo de classificar e tornaram-se os alicerces do conhecimento científico iluminista do século XIX na Europa. Sendo assim, *“o pós-modernismo está associado à decadência das grandes idéias, valores e instituições ocidentais-Deus, ser, Razão, sentido, verdade, totalidade, Ciência, sujeito, consciência, produção, Estado, Revolução, família.”* (SANTOS, 1991:72).

A idéia de verdade iluminista, como discurso do sempre existente a ser apreendido, perde terreno para epistemologias menos ambiciosas as quais através de uma perspectiva sociocultural, olharam o homem e suas praticas como construtos discursivos, incumbindo à linguagem papel essenciais na composição dos fatos.

“A história possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar. Mas estes objetos e sujeitos também inventam a história, da mesma forma que as margens constituem parte inseparável do rio, que o inventam”. (ALBUQUERQUE JR, 2007:29).

Desta forma, a linguagem ocupa um lugar privilegiado na pós-modernidade, tendo um papel sobressaído na descentralização dos sujeitos. Os termos que significavam atributos de uma visão global tais como o homem, a mulher e as classes, passaram a serem nomeados, os homens, as mulheres, os indivíduos. Isso significou a composição de uma história com uma

visão mais democrática, incluyente e revisionária, frente à derrocada de modelos normatizadores e essencialistas do homem.

Na pós-modernidade entende-se a linguagem como coisa entre coisas e não como espelho das coisas ou representação das coisas. Como mostra ALBUQUERQUE JR, Foucault, por exemplo, mostra o caráter político da linguagem seu uso estratégico e seu sentido que depende de interesses diversos nas sociedades e ao longo da história. (ALBUQUERQUE JR,2007:184).

Sendo assim, em grande medida no pensamento pós-moderno a sociedade contemporânea evidencia a exaustão da modernidade, ou seja, representa uma desconfiança das verdades inatingíveis e dos discursos totalizantes, possibilitando emergir, o fim de valores e ideais supremos, outros, e, partindo dos mesmos; a formação de uma nova história, que buscara questionar estes valores “utópicos”. A respeito destes valores,

Uma vez projetados, a história ocidental se encarregou de desvalorizar os valores supremos, substituindo-os pela banalidade cotidiana, o conformismo, o pessimismo, a passividade, a falta de força moral. Quem se preocupa hoje com a verdade? Quem busca a salvação eterna? Por que multidões viraram carneiros indo para o trabalho, o exército, o estádio. (SANTOS, 1991:75).

Ao proporem o distanciamento ou mesmo ruptura da visão que naturalizava o sujeito e suas identidades, esses novos discursos entre eles o da história possibilitaram um melhor entendimento do indivíduo e sua pluralidade, ou seja, reconhecer que a formação do indivíduo e sua identidade ocorre em meio a uma atmosfera marcada por relações de poder em conflito desta forma na pós-modernidade as identidades são vistas como plurais, moveis e cambiáveis. Assim, como nos esclarece Reis:

“A pós-modernidade desconstrói, deslegitima, deslembra, desmemoriza discurso da “Razão que governa o mundo”. O conhecimento histórico pós-estruturalista aborda um mundo humano parcial, limitado, descentrado, em migalhas. Aparece um olhar em migalhas, assistemático, antiestrutural, antiglobal, curioso de fatos e indivíduos. (REIS,2005:73).

Segundo REIS (2005) a pós-modernidade no campo filosófico desdobra-se em duas fases, uma Estruturalista e outra Pós-estruturalista. Para ele, o Estruturalismo é pós-moderno pois desconfia do sujeito, da Razão. No entanto, pertence ainda ao projeto moderno, pois

procura razões ocultas, ele quer “apanhar a razão em suas frestas e arestas”, portanto, “ele é pós-racionalista em sua intenção e hiper-racionalista em sua realização (p.72).

Já no pós-estruturalismo não se buscam mais razões escondidas ou essenciais, que possam ser apreendidas com conceitos universalizantes, como o de estrutura. No pós-estruturalismo “a fragmentação é levada ao extremo. O universal não é pensável”. (p.73).

Veremos a seguir como se apresentam essas duas tendências.

III. Estruturalismo

O estruturalismo foi uma corrente de pensamento que se apresentou como um forte referencial para as ciências humanas ao longo do século XX. Inspirado na Lingüística, o estruturalismo veio a se tornar um dos métodos mais utilizados para se estudar a sociedade, a cultura e a língua. A sua contestação, enquanto método para a realização de estudos nas inúmeras áreas de pesquisas ganhou força por volta dos anos 1970, isto se levarmos em conta o momento em que o estruturalismo é questionado efetivamente. Seguindo o pensamento de PETERS (2000) vemos que:

“Teremos o final dos anos 50 e 60 como momentos que o estruturalismo floresceu na França, porém Peters define precisamente à ascensão do estruturalismo até os anos de 1968, no momento final da explosão estruturalista na França, quando o estruturalismo já tinha se identificado com atitudes políticas ultrapassadas e suspeitas”. (PETERS, 2000:24).

Guardadas as diferenciações, podemos associar o estruturalismo com as idéias de Ferdinand de Saussure e a publicação do livro Currículo de Lingüística Geral, em 1916, publicado por seus alunos após sua morte. Percebemos que: *O estruturalismo francês tem sua origem na lingüística estrutural, tal como desenvolvida por Ferdinand de Saussure, e por Roman Jakobson, na virada do século XIX/XX. (PETERS, 2000:20).*

Depois de Saussure Roman Jakobson é a figura principal no desenvolvimento histórico da lingüística estrutural. Além de sua importância para o estudo da linguagem poética, foi Roman Jakobson que primeiramente cunhou, em 1929, o termo estruturalismo, para designar uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistia em revelar as leis internas de um sistema determinado.

O estruturalismo em história se mostrou fortemente como um modelo de análise. Neste sentido, devem-se demarcar as apropriações feitas pela história referente a este modelo. Contudo, Após os escritos de Fernand Braudel e das macro-abordagens, deve-se também pensar em definições próprias realizadas pela história. Para começar percebemos que: *“aqueles autores do século XIX que se opuseram ao sentido teleológico das filosofias da*

história criaram uma representação estrutural da história que predominaria na primeira metade do século XX". (REIS, 2005:48).

Portanto, autores do final do século XIX e início do século XX, como Marx, Freud, Marc Bloch e Lucien Febvre já mostravam uma leitura estrutural nos seus escritos, pois percebiam cada um no seu campo, a realidade como uma totalidade articulada em partes que se completam.

Conceitos centrais da modernidade como Razão, luzes, humanismo, Progresso, Revolução, foram questionados pelo estruturalismo, o qual duvida da razão e sua eficiência de gerir o mundo. Além de estabelecer que o homem não é só sujeito, pois na visão do estruturalismo o homem também é resultado, objeto. Neste sentido no que concerne à compreensão do homem da razão e da sociedade a visão estruturalista mostrava que:

A convicção de que a "razão governa o mundo" foi posto em dúvida. (...) em sua visão do homem e da sociedade, a consciência, não predomina: o homem não é inteiramente sujeito e livre e a sociedade não é dominada por uma teleologia. Portanto, se homem e a história não são transparentes, a reflexão total não é possível; se esta não é possível, a ação total- a revolução- não é recomendável. A ação possível que as ciências propõem dar-se-ia dentro de margens estreitas, cautelosas. A ação deve ser empreendida com o apoio de uma planificação limitada no tempo, de previsões determinadas e quantificadas. O objetivo dessa limitação teórica da ação é o seu controle. (REIS, 2005:70).

Percebemos assim que este ambiente de incertezas quanto ao sujeito consciente possibilitou uma releitura destes conceitos e da sociedade realizadas através de mudanças na forma que se pensava antes, assim como se mudou a percepção do tempo e da vida compreendida pelo homem iluminista. Este pensamento passou a ter antipatia às ideologias que colocam o devir do homem a trabalho de ações utópicas, ideológicas.

Dentro desta atmosfera de mudanças, a História se aproximou das Ciências Sociais e buscaram um distanciamento dos conceitos que norteavam o pensamento da modernidade através de uma oposição ao ideal de linearidade, teleologia, utopia, revolução dentre outros. Frente a estes ideais surge a proposta de que a história procurasse entender empiricamente a realidade social, ou seja, baseada na observação e experiência e desconfiasse da Filosofia e do sujeito. Neste sentido o objetivo das Ciências Sociais consiste em:

Produzir conhecimento social que oriente uma ação prudente e eficaz, e não convicções sociais ou imperativos morais que orientem e legitimem uma ação global e descontrolada. A inovação em história- o evento- deve ser estruturada para deixar de ser

ameaçadora. As ciências sociais produzem uma desaceleração prudente da história moderna- iluminista. (REIS, 2005:71).

No âmbito da História a principal figura do movimento estruturalista é sem dúvida Fernand Braudel e seu conceito de longa duração (*longue durée*). Para Braudel, na História, a estrutura é o tempo longo (os séculos, os milênios) através do qual os homens repetem inconscientemente outras estruturas determinantes: geográficas, econômicas, sociais. Ele fala de uma História inconsciente. BURKE (1997) nos narra a construção de uma metáfora, por Braudel, para exemplificar a História estrutural. Tendo vindo ao Brasil nos anos 30 para dar aulas inaugurais na Universidade de São Paulo ele conta que:

Recordo-me de uma noite, perto da Bahia, quando assistia absorto ao espetáculo pirotécnico de fosforescentes vagalumes; sua pálida luz brilha, desaparece, volta a brilhar, seu penetrar na noite com uma verdadeira luz. O mesmo acontece com os eventos, para além de seu brilho, a escuridão predomina (BRAUDEL apud BURKE, 1997:47-48)

Portanto, para Braudel, interessa mais a noite escura, a estrutura que determina os eventos, que assim podem ser explicados numa abordagem científica, estrutural.

Deste modo, compreendemos que o estruturalismo passou a significar uma forte oposição ao projeto moderno iluminista. No entanto, mesmo se opondo a ele, ele continuou fazendo parte deste projeto, ou seja, ainda pratica um discurso da razão, pois *busca “apreendê-la a contrapelo, (...) ele parece, paradoxalmente, um hiper- racionalismo, que busca um sentido que se esconde uma dimensão oculta, fundamental e inconsciente”*. (REIS, 2005:72).

O paradigma estruturalista mostra sua força, até o final dos anos 60, mas com os intensos debates ele entra em crise e, passa a ser questionado. Neste momento de crise, deixa de fazer sentido o sujeito teorizador, o qual objetiva leis para caracterizar contextos. Deste modo, a própria maneira de se compreender o sujeito é questionada, pois não se tem mais o global e não se busca mais um sujeito que aspira formulações e explicações totalizantes.

Os grandes arquétipos desejados pelo estruturalismo entram em crise e não mais orientam as concepções que abordam os debates históricos. A concepção de um todo estruturado não faz tanto sentido e deixa de satisfazer as aspirações dos estudiosos. Deste modo os arquétipos invariantes, que possivelmente não eram objetivos dos historiadores, perdem credibilidade. Há uma crise intensa nas pretensões de tornar o estruturalismo em um

poderoso paradigma comum a todos, isso se explica pelo termo que Michel Peters, denominou de “mega paradigma”. Para este autor:

“Os anos 50 e 60 levou à institucionalização de um “mega paradigma” transdisciplinar, contribuindo para integrar as chamadas “humanidades” e as ciências sociais, mas o fez sob uma forma exageradamente otimista e cientificista. Sua pretensão ao status de “mega paradigma” baseava-se na centralidade da linguagem na vida cultural e social humana, considerada como sistema semiótico ou sistema de significação auto-reflexivo”. (PETERS, 2000:9-10).

Deste modo, compreendemos que, a crise do estruturalismo, se configurou no decorrer dos anos 60, ganhando ares de desconfiança epistemológica e impôs à História questionamentos antes não debatidos, a exemplo, a discussão do que seria o objeto de análise dos historiadores.

Em suma, a base do pensamento estruturalista se fundamentava no modelo da lingüística estrutural, uma acirrada crítica ao sujeito autônomo humanista, além de, uma exagerada concepção cientificista.

IV. O pós-estruturalismo.

De acordo com PETERS (2000:28), filósofos contemporâneos como John Stursock definiram o pós-estruturalismo como “uma crítica ao estruturalismo, feita do seu interior: isto é, ele volta alguns dos argumentos do estruturalismo contra o próprio estruturalismo (...)”. Os autores nos advertem que o termo pós-estruturalismo não deve ser tomado para dar qualquer ideia de homogeneidade ou unidade teórica, abarcando diferentes tendências.

Somando-se a isso, no entanto, há em torno deste conceito, toda uma multiplicação discursiva decorrente do “impacto pós-estruturalista”, que nutriu novos questionamentos na História, na Psicanálise, na Crítica literária, entre outros discursos contemporâneos. O legado desta força, grosso modo, para os campos referidos, seria um movimento comum objetivando superar as centralizações e as generalizações, esses realizados pela razão, e pelo meta-discurso ocidental, que, ao proporem um status de verdade universal, produziram totalizações redutoras.

É fato que na área das ciências humanas ocorreu uma proliferação abundante do prefixo “pós”: pós-moderno, pós-sujeito entre tantos. Deste modo, o sentido que o prefixo “pós” impõe ao conceito pós-estruturalismo, tem o contorno de uma análise crítica de algo existente, ou seja, o estruturalismo. O pós-estruturalismo amplia a crítica ao sujeito feita pelo Estruturalismo com ênfase na questão da linguagem, mas retorna essa crítica ao próprio movimento estruturalista apontando também os seus limites linguísticos.

É importante ressaltar que o pós-estruturalismo, embora não represente um período histórico, representa um período filosófico do qual se pode fazer uma história, assim como, uma metamorfose e uma passagem do paradigma do estruturalismo. Para PETERS:

“Devemos interpretar o pós-estruturalismo, pois, como uma resposta especificamente filosófica ao status pretensamente científico do estruturalismo e à sua pretensão a se transformar em uma espécie de megaparadigma para as ciências sociais. O pós-estruturalismo deve ser visto como um movimento que, sob a inspiração de Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e outros, buscou descentrar as “estruturas”, a sistematicidades e estendendo-o em uma série de diferentes direções, preservando, ao mesmo tempo, os elementos centrais da crítica que o estruturalismo fazia ao sujeito humanista”.(PETERS,2000:10).

Com isso, no pós-estruturalismo se radicaliza o questionamento sobre o sujeito do humanismo e do cogito. Neste modelo crítico o sujeito é visto como uma ficção, (uma invenção, uma fabricação), ou seja, o sujeito representa uma invenção histórica e social. A respeito disso Peters aponta que:

Os pós-estruturalistas continuam, de formas variadas, a sustentar essa compreensão estruturalista do sujeito, concebendo-o, em termos relacionais, como um elemento governado por estruturas e sistemas, continuando a questionar também as diversas construções filosóficas do sujeito: o sujeito cartesiano-kantiano, o sujeito hegeliano e fenomenológico; o sujeito do existencialismo, o sujeito coletivo marxista. (PETERS, 2000:31).

Nesta perspectiva no pós-estruturalismo o sujeito não existe, a não ser como apenas consequência do processo de produção da cultura social. E como nos desafiam TADEU e HARAWAY (2009), o sujeito é hoje “uma construção em ruínas” e que já somos ciborgues.

Na ótica pós-estruturalista um significado “é o que é” não porque represente algo que existe fora do campo da significação, mas sim porque foi socialmente criado. O destaque do processo de significação é potencializado para evidenciar as noções vigentes de verdade, já que a ótica pós-estruturalista duvida das definições filosóficas essenciais desta verdade. Sendo assim, a questão principal para o pós-estruturalismo não é a verdade, mas sim, compreender como algo se torna verdade. Vemos então no pós-estruturalismo toda a importância das leituras que os filósofos e literatos franceses dos anos 60 (Deleuze, Klossowski, Bataille, Blanchot, Foucault) fizeram da obra de Nietzsche e de suas críticas às noções de verdade, ciência e moral. (PETERS, 2000) FOUCAULT (2005).

No campo do conhecimento histórico as tendências pós-estruturalistas se fizeram presentes a partir da utilização de métodos foucaultianos nas pesquisas, mas também pelos entrecruzamentos com os discursos da Psicanálise, da Crítica Literária, da Semiótica e do Cinema. Aparece um olhar assistemático, descentralizado, marginal, aquele que DOSSE, chamou “em migalhas”.

No conhecimento histórico, não se quer neutralidade, passividade, serenidade e universalidade. A verdade universal se pulverizou em análises pessoais. Não se busca mais o absoluto e não se quer mais produzir uma obra de valor universal. O conhecimento histórico é múltiplo e não definitivo: são interpretações de interpretações. A realidade é produzida por jogos de linguagem- nada a toca de modo substancial. Não há uma palavra viva e essencial que coincida como ser. O ser é diferente constante, isto é, temporal e inessencial, e aparece em linguagens múltiplas. Sem pronunciar o ser, as linguagens múltiplas o constituem transitório e diferente... (REIS, 2005:73).

É importante salientar que, um dos momentos dessa ruptura que pratica a história sobre uma ótica da pluralidade, e do afastamento da ideia de uma história globalizante, se deu a partir da terceira geração dos Annales, Ou seja, foi através deles que o antigo paradigma foi posto em reexame, adotando com isso o novo paradigma pós-moderno. Isso se evidenciou após os Annales compreenderem que a idéia de totalização se apresentava de certa forma inalcançável.

Neste sentido percebemos que uma parte da terceira geração dos Annales, transitou de uma história global a uma em migalhas, ou seja, abriram mão de compreender a sociedade como um todo. De certo modo, deste ponto em diante tudo se tornou histórico e possível de ser analisado, mas de maneira parcial, comprometido.

Para Dosse seria imprescindível a valorização dos eventos e a explicação lógica globalizante (REIS, 2005, p.74). Com relação a este afastamento de um projeto global a um fragmentado, reis nos mostra que François Dosse, afirma que: *da primeira à terceira geração ter-se-ia ido de uma história global ou total a uma história em migalhas ou fragmentada (REIS, 2005:74).*

Dentre muitos questionamentos levantados por Dosse que indica a transição de uma visão global a uma fragmentada uma nos chama a atenção, qual seja: o de que

O homem não é mais o horizonte do historiador, a história não é mais análise do passado para a produção da mudança no presente, a história não esclarece mais as relações do presente com o passado e o futuro- fez-se uma história imóvel, que serve como evasão do presente- futuro. É por isso que os novos renunciaram à história global, humanista, transformadora, emancipacionista, que os fundadores haviam proposto. (REIS, 2005:76).

Fica evidente que estas mudanças efetuadas pelos novos analistas atemporal e essencial significaram, um rompimento com antigos conceitos que idealizavam um modelo de homem, assim como caiu de certo modo em descrédito uma concepção de história que tinha como finalidade última guiar o homem para um futuro perfeito.

De acordo com isso, é possível dizer que os novos Annales se opuseram a idealização dos antigos fundadores, qual seja, o de uma história global. Ao falar dessa recusa dos novos Annales, REIS mostra que:

Os “novos” defendem e praticam a descrição da pluralidade dos objetos, dos métodos. Há uma radicalização da fase transitória de pluralização das temporalidades em um mesmo conjunto, que

constitui a fase braudeliana. Há uma fragmentação do campo histórico, apesar de existirem, nos próprios Annales, vezes contrárias, ainda que em minoria. (REIS, 2005:76).

Ao analisar o contexto que levou a história a tomar o caminho da fragmentação, Reis se opõe a o pensamento de François Dosse quando ele afirma que os Annales não possuem características de se adaptar. Neste ponto Reis discorda afirmando que: *a história fragmentada é uma adaptação às mudanças históricos-sociais do século XX Pós-estruturalistas. (REIS, 2005:78)*. Isso evidencia que os Annales estavam conscientes das mudanças que estavam ocorrendo com a História e sua adaptação significaria sua própria sobrevivência.

Deste modo, este contexto representou para estes novos pesquisadores da história uma possibilidade de direcionar o olhar para novos objetos e indivíduos diferentes, ou seja, o foco não era mais só os grandes personagens da história, os grandes vultos, nem as estruturas, mas sim sujeitos comuns. A idéia de se conhecer o todo não era mais uma finalidade a ser alcançado, devido à impossibilidade de se esgotar qualquer tema numa explicação fechada.

Indagamo-nos sobre esta nova forma de compreender e fazer história proposta pelos Annales, e notamos que isso fez parte de um movimento que se evidenciou nas diferenças entre as três gerações. Essas diferenças possibilitaram ampliar o fazer histórico, ou seja, permitiu um olhar mais próximo com o objeto a ser investigado, buscando análises que permitissem ao pesquisador da história conhecer e valorizar as diversidades, por mais complexas que sejam. Deste modo no que concernem as diferenças que caracterizam as três gerações dos Annales, REIS nos diz que:

A primeira geração estaria mais próxima da tradição iluminista; as vertentes braudeliana e labroussiana da segunda geração estariam mais próximas da mudança estruturalista; e a terceira geração estaria próxima do pós-estruturalismo, particularmente de Foucault. (REIS, 2005:79).

Nesta perspectiva, compreendemos que, a pluralidade proposta pelos Annales evidenciou que os mesmos buscavam novos rumos para a história, ou seja, um olhar direcionado a diversidade de novos objetos de estudo. Desta forma, podemos caracterizar uma parte da terceira geração dos Annales como pós-estruturalistas, mesmo que de forma “impura”, pois outros historiadores continuam produzindo histórias bastante amplas ou totais, como é o caso da Nova história das mentalidades. Já outros preferem:

Descrições, narrativas, periféricos, marginais, sexo, bruxaria, mundos históricos micro... não se busca mais um sentido global

para a história e considera-se impossível a integração da consciência em uma totalidade. (REIS, 2005:80).

Portanto, o Pós-estruturalismo significou para várias áreas do conhecimento, inclusive a História, uma mudança de perspectiva dos olhares sistematizadores, totalizantes, platônicos e teleológicos da modernidade.

V. Conclusão

Este artigo pretendeu discutir o panorama das discussões acerca da relação da História com os conceitos de Modernidade, Pós-modernidade, Estruturalismo e Pós-estruturalismo.

Notamos que quando grandes conceitos perdem força e passam a ser contestados possibilitam o surgimento de outros, que na sua maioria tende a superar ou mesmo se opor através de novas visões explicativas.

Deste modo, o que se procurou demonstrar neste artigo foi como estes conceitos foram analisados ao longo do século XX por pesquisadores da Filosofia, Ciências Sociais e da História, e quais inovações teóricas estabeleceram-se para a construção do conhecimento histórico contemporâneo.

Mesmo que a relação da História com a Pós-modernidade, tenha começado com o intuito de repensar ou mesmo contestar, o paradigma humanista acabou trazendo novas discussões e reflexões principalmente no campo das Ciências Humanas onde muito contribuiu para pensar e repensar o sujeito e suas relações na sociedade.

Neste sentido ao mesmo tempo em que estas reflexões nos desperta em relação a determinados conhecimentos novas indagações aparecem.

No que concerne a História sua relação com a pós-modernidade, desde que reclamou para ela o status de Ciência enfrentou vários problemas de método e definição para trabalhar com suas abordagens.

Mesmo no seio das Ciências Humanas, o status de cientificidade da História, sempre foi duvidoso, mesmo entre os historiadores.

O que concluímos com relação a isso é que falar em verdade absoluta hoje é impensável, neste sentido, compreendemos que os historiadores na atualidade fundamentam suas pesquisas tentando apresentar uma multiplicidade caminhos teóricos metodológicos que podem ser usados e abusados pelos historiadores contemporâneos.

VI. BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **História, a arte de inventar o passado:** Bauru: EDUSC, 2007.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1988):** A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.
- DOSSE, François. **A História em migalhas:** dos Annales à Nova História. Bauru: EDUSC, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e Pós- estruturalismo. In: _____. **Arqueologia das Ciências e História dos sistemas de pensamento.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. (ditos e escritos II).
- GIDENS, Anthony. **Modernidade e identidade** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LYOTARD, Jean-François. **O Pós-moderno.** 3ª ed. José Olympio, 1998.
- PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença:** Belo horizonte: Autêntica, 2000.
- REIS, José Carlos. **História e teoria:** historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 2ª. Ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é Pós-Moderno.** São Paulo: Brasiliense, 1991.
- TADEU, Tomaz. (Ong). **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.